

Nós precisamos ter em mente que essa negociação, e aí eu falo negociação dentro do contexto em que ela se encontra e aqui atacando já diretamente as cláusulas contratuais. Também considero que as cláusulas desse contrato e a maneira como foi celebrado é ilegal e precisa, sim, de uma força tarefa para apuração.

E aqui, Sr. Presidente, faço a citação dos Deputados que têm uma relação mais próxima com a União. Não há como discutir essas cláusulas sem trazer a União para esse debate. Então, Sr. Presidente, sabemos que é um remédio amargo, mas é importante trazer aqui números que vão fazer com que os nobres Deputados possam refletir sobre a importância da votação favorável a este Projeto. Se não votarmos favoravelmente a este Projeto, Sr. Presidente, permitindo ao Executivo fazer essa higidez no Fundo, até 2021 teremos quase seis bilhões de retirada por causa dos gatilhos contratuais que foram ativados no último relatório trimestral. Então, Sr. Presidente, chamo a atenção dos nobres Deputados para que possamos nos ater à matéria, votando favoravelmente, porque ela é importante para que não tenhamos um prejuízo ainda maior.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - O próximo orador inscrito é o Deputado Carlos Minc. (Pausa)

O SR. ALEXANDRE FREITAS - Alguém está escutando o Carlos Minc?

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Carlos Minc, é a sua vez.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - Acho ele foi fazer um negócio importante, não está aí, não.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - O Deputado Renan Ferreirinha está on line? Deputado Renan?

O SR. ROSENBERG REIS - Não há mais oradores, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Deputado Rosenberg Reis.

O SR. ROSENBERG REIS - Não, Sr. Presidente, não vou discutir. Vou votar com o Governo e não há mais oradores. Pode prosseguir, Sr. Presidente.

O SR. CARLOS MINC - Eu cheguei aqui para discutir.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Deputado Carlos Minc, a palavra é sua.

O SR. CARLOS MINC (Para discutir a matéria) - Sr. Presidente André Ceciliano, Srs. Deputados, estamos discutindo o PL 2642, de autoria do Poder Executivo, que limita custos de atos necessários para a manutenção da higidez econômico-financeira de operações de crédito. Discutimos esse projeto ontem, na CCJ. O Deputado Luiz Paulo fez um esclarecimento, nós votamos, fizemos emendas e demos um parecer na CCJ. Hoje o estamos discutindo em plenário.

Acompanhei a exposição do Deputado Luiz Paulo, também a do Waldeck e as observações do Flávio Serafini. Concorro com essas observações. Então, Deputado André Ceciliano, para avançarmos, vou me limitar a concordar com essas observações, mas vou fazer um breve comentário sobre a sua posição, e louvá-la, em relação à manifestação na rua e ao seu apelo ao Secretário da Polícia Militar sobre a liberdade de manifestação, resguardadas as decisões judiciais.

Sou talvez daqueles poucos Deputados, André Ceciliano, que, até por ser coroa, confesso, participei das manifestações estudantis no tempo da ditadura militar, quando se baixava a porrada. Com 16, 17 anos, me manifestando na Rio Branco, perto da Assembleia Legislativa, vi colegas meus debaixo de patas de cavalo, levando sabre, facão da polícia no peito. Colegas morreram com balas de fuzil da ditadura militar.

Só quero chamar a atenção, concordando com a atitude de V.Exa., que é responsável e democrática, para o fato de que alguns dos que defendem a manifestação, não vou entrar no mérito, também apoiaram atos de defesa da ditadura militar, do fechamento do Congresso e do fechamento do Supremo Tribunal Federal. Lembro a essas pessoas, que não tiveram a oportunidade, porque são mais novas, de viverem o que foi aquela época, que na ditadura militar essas manifestações estariam sendo sufocadas debaixo das patas dos cavalos, debaixo de tiro, porrada e alguns de seus organizadores iriam ser pendurados no pau de arara no Dops, no Doi-Codi e na Vila Militar.

Então, é para lembrar que minha posição sobre as manifestações - essas - é idêntica à do Presidente, Deputado André Ceciliano: que sejam respeitadas nos termos da lei, das decisões judiciais e das liberdades.

E quero lembrar que aqueles que defendem as manifestações que se abstenham de defender a ditadura militar e o fechamento do Congresso Nacional. Porque, com a ditadura militar e o fechamento do Congresso Nacional, essa turma já estava debaixo de porrada e pendurada no pau de arara no Doi-Codi. Viva a democracia! Viva o Parlamento aberto, Sr. Presidente, democrático, Deputado André Ceciliano! É o que eu tenho a dizer.

O SR. FILIPPE POUBEL - Peço a palavra para discutir a matéria, Sr. Presidente.

O SR. MÁRCIO GUALBERTO - Peço a palavra para discutir a matéria, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Eu queria fazer um apelo ao meu amigo, Deputado Filipe Poubel.

O SR. MÁRCIO GUALBERTO - Peço a palavra para discutir a matéria, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Já, já.

O SR. FILIPPE POUBEL - Eu estava em trânsito e agora eu cheguei na Alerj e quero discutir.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Já, já. Eu queria fazer um apelo ao Deputado Filipe Poubel.

O SR. FILIPPE POUBEL - Pois não, Sr. Presidente.

O SR. MÁRCIO PACHECO - Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Em relação...

O SR. MÁRCIO PACHECO - Peço a palavra para uma questão de ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Eu queria fazer um apelo ao Deputado Filipe Poubel em relação à sua máscara.

O SR. MÁRCIO PACHECO - E iria fazer este mesmo pedido...

O SR. FILIPPE POUBEL - Minha máscara reflete o sentimento da rua, Sr. Presidente.

O SR. MÁRCIO PACHECO - Não. Não é verdade, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Não, não vamos debater. Não vamos entrar em debate. Por favor, Deputado Márcio PACHECO.

O SR. FILIPPE POUBEL - Reflete o sentimento da rua.

O SR. MÁRCIO PACHECO - Sr. Presidente, eu gostaria de pedir formalmente que o nosso amigo, Deputado Filipe Poubel, pedisse nos ajudar com esse entendimento.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Deputado Márcio PACHECO...

O SR. FILIPPE POUBEL - Engraçado, Sr. Presidente. Eu assisti a discursos com foto de Che Guevara ao fundo, com "Marielle Vive". E eu não vou deixar de usar a minha máscara "Fora Witzel", é o meu posicionamento, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - O.k.

O SR. FILIPPE POUBEL - Eu sou obrigado...

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Vou garantir o encaminhamento de V.Exa. V.Exa. tem cinco minutos.

O SR. FILIPPE POUBEL (Para discutir a matéria) - Obrigado, Sr. Presidente. Presidente, falando de manifestação, eu acabei de chegar à Alerj, acabei de adentrar o meu gabinete. E vejo a manifestação em frente ao nosso prédio mais do que pertinente.

E, quando eu digo que a minha máscara representa o sentimento da população, eu estou sentindo isso nas ruas. Eu ouço isso todo santo dia. A população não aguenta mais a ladroagem, a quadrilha que se instalou no Estado do Rio de Janeiro. Mudaram as merdas, mas as moscas são as mesmas, Sr. Presidente. Mudaram as merdas, mas as moscas são as mesmas.

É inaceitável se pegar um contrato, para manutenção de leitos, firmado em São Paulo, na Prefeitura de São Paulo, onde 1.300 leitos, Sr. Presidente, vão ter um custo de 18 milhões por mês. E, quando vem um contrato no Estado do Rio de Janeiro, firmado e celebrado entre o Governo do Estado e a OS labas, esse contrato passa para 140 milhões de reais por mês - 140 milhões de reais por mês para administrar 1.400 leitos.

E vocês dizem que essa manifestação não é pertinente? Que o sentimento da rua não é esse? A população, Sr. Presidente, não aguenta mais o que vem acontecendo, a população acordou.

Ainda vem para cá agora este Projeto de lockdown. Aprovar este Projeto de Lei é decretar de vez, Sr. Presidente, o empobrecimento da população. A população quer trabalhar, a população quer fazer o País crescer, ela tem que alimentar sua família.

E o que eu vejo hoje, Sr. Presidente, são pessoas: pequeno e médio empresário, comerciantes faliados, sem ter o dinheiro para levar para suas casas e sustentar suas famílias, porque muitos deles, Sr. Presidente, vivem do giro diário, da venda. O que me leva a crer que postergar por lockdown nada mais é do que fortalecer o modus operandi instalado hoje no Rio de Janeiro.

Porque, em estado de calamidade, nós não vamos ter licitação. E o que está acontecendo? Superfaturamento. Uma covardia é o que estão fazendo com os cofres públicos. Visto que já tem gente presa, visto que tem gente do Governo presa, empresários presos. E vem dizer que não tem superfaturamento, que não tem fraude em licitação? É uma covardia. É tentar passar um atestado de idiota para o povo. Nós podemos permitir, e eu não vou permitir.

Eu tenho rodado todos os hospitais de campanha. Todos. Eu me deparo com um verdadeiro circo, eu me deparo com lona e divisória, e isso não salva vidas, Sr. Presidente. Lona e divisórias.

Inaceitável montar um hospital de campanha a dois metros de distância de uma unidade pública fechada, em Barra de São João, que custou R\$60 milhões aos cofres públicos - estou falando de R\$60 milhões aos cofres públicos.

Queriam impedir minha entrada naquela unidade. Quando adentrei, me deparei sabe com o quê? Com nada! Com a lona de um circo montada em Barra de São João, e só divisórias.

Continuei minha saga de fiscalização dos hospitais de campanha e, pasmem, colegas parlamentares, todos os hospitais do mesmo jeito, com nada dentro. Nunca encontro um representante deste Governo corrupto e nem da empresa que celebrou o contrato de quase R\$1 bilhão. Nunca encontro uma resposta. Não tem resposta. Lógico!

Para inaugurar às pressas o hospital de São Gonçalo, à qual estive presente, estavam pegando escondido 20 ventiladores pulmonares, que não servem para o tratamento do Covid, para inaugurar e enganar a população de São Gonçalo, Sr. Presidente, retirando do Maracanã, como foi denunciado pelos enfermeiros, médicos e funcionários da unidade do Maracanã, levando para São Gonçalo para a falsa inauguração, enganando a população.

A mesma situação encontrei em Campos. A população não aguenta mais corrupção, não aguenta mais a ladroagem que acontece naquele município. E o Prefeito é aliado do Governador e, juntos, estão lesando o erário. É o que acontece em Campos.

Pior, o terreno em que foi instalado o hospital de campanha não teve custo para o Estado ou para a labas: foi cedido pelo dono do mercado Superbom, em Campos. Eu me deparei, mais uma vez, com o circo do Governador e divisórias.

Indo para Nova Friburgo, a mesma situação: o circo montado e divisórias. Nenhum vestígio de aparelhos, de respiradores, de camas, de medicamentos. Estão dando um tapa na cara da população, estão roubando o Estado.

Aonde vamos parar? Tem que ter um freio nessa ladroagem, Sr. Presidente. O Estado esteve combalido, e estão acabando de vez com o Estado do Rio de Janeiro.

Quando se fala em lockdown, é de entrister. Estou na rua e o que mais ouço são pessoas implorando para trabalhar. As pessoas não querem ficar em casa. Lockdown só é bom para rico, só dá certo para rico. O pobre tem que sustentar sua família. E como sustenta?

Eu sei, todos nós sabemos, que o que o Governador de São Paulo e o Governador do Estado do Rio de Janeiro estão fazendo nada mais é que uma tentativa de esfacelar a economia e atingir o Governo Federal. A tentativa é essa: é de esfacelar a economia e de atingir o Governo Federal. Até porque o megalomaniaco do Governador, com seis meses de mandato, lançou sua candidatura a presidente. Ele tem olho grande na cadeira do Bolsonaro. Só que ele não chega aos pés do Bolsonaro. Bolsonaro é 17 mesmo.

Não houve um caso, um caso sequer de corrupção, ao contrário do que estamos vendo no Rio de Janeiro. Um dos maiores casos de corrupção, usando momento sensível e pandêmico, porque o nosso Estado está em estado de calamidade. Mas eu tenho certeza, Sr. Presidente, para concluir, de que a justiça do homem será feita e mais prisões teremos ao longo desta semana e da semana que vem. Mas a maior justiça é a justiça divina, a justiça de Deus, porque quando roubam dinheiro da Saúde estão roubando vidas. E vocês, ladrões do erário, estão tirando o direito do ser humano lutar pela sua vida, a vida é bem mais precioso que o ser humano tem e vocês, bandidos, covardes, gananciosos, estão tirando esse direito.

Sem mais, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Deputado Márcio Gualberto.

O SR. MÁRCIO GUALBERTO - Sr. Presidente, boa tarde. Boa tarde, demais Deputados presentes nesta Sessão Plenária. Boa tarde às milhares de pessoas que estão acompanhando esta Sessão de suas residências.

Acabei de testemunhar, neste momento, aqui na porta da Alerj, uma grande demonstração de arbitrariedade por parte do Governo do Estado - mais uma. Pessoas que estavam se manifestando de maneira ordeira, que estavam apenas querendo colocar em prática um direito constitucional. Esta Alerj é do povo, não é nossa. Ali estavam trabalhadores, ali estavam pessoas idosas, jovens, pais de família, mães de família, que vieram à porta da Alerj dizer que não concordam com este Projeto de Lei que hoje será votado. Mas, mais uma vez, infelizmente, nós temos um Governador que permite o as-

salto aos cofres públicos, manda espancar pessoas que estavam lá se manifestando de maneira adequada, de maneira constitucional, de maneira democrática. Até quando? Até quando nós vamos testemunhar essas atitudes democráticas de forma passiva? Até quando?

Aí eu sou obrigado a ouvir o Deputado diz e querer comparar com aquilo que aconteceu nas décadas de 60 e 70, quando ele participou de uma luta inglória, querendo implementar no Brasil um regime comunista. Não tem nada a ver, essa manifestação de hoje, ela é democrática, Deputado. O senhor deveria ter vergonha de mentir. O senhor deveria olhar para os seus cabelos brancos, para a sua idade e não ser tão rasteiro, baixo. As pessoas que estão ali querendo trabalhar, elas querem voltar às suas vidas normais. Ninguém estava ali exigindo esmola, ninguém estava ali exigindo que permitissem fazer algo ilegal. Vergonha do seu discurso, Excelência.

Sr. Presidente, isso já foi longe demais. É preciso que nós tenhamos uma participação mais ativa no que está acontecendo. Nós que já votamos nesta Casa Legislativa tantos Projetos importantes neste período de pandemia, é inconcebível que não façamos nada diante das várias arbitrariedades que estão ocorrendo. E eu tenho certeza de que muitos Deputados concordam com isso que estou falando. Não podemos ir contra a vontade da sociedade. Nós fomos eleitos para fazer aquilo que o povo deseja. Eles depositaram em nós todas essas expectativas salutaras. Nós não podemos aprovar o lockdown e não podemos concordar que dentro da esfera de atuação da Alerj o Governo do Estado faça o Palácio Tiradentes de palco para arbitrariedades - bombas de gás lacrimogênio, bolas de borracha, spray de pimenta. Para que isso? A quem isso beneficia? Ninguém pode ficar feliz com uma atitude com essa! Nem os policiais que lá estavam sentiam-se confortáveis com aquilo, tiveram que cumprir ordens.

Sr. Presidente, o povo espera da Alerj, neste momento, que ouçamos as vozes que vêm das ruas. Milhares de pessoas estão morrendo. Milhares de médicos e enfermeiros estão padecendo por causa da corrupção, e não por causa do coronavírus, que fique bem claro! Muitos estão padecendo por causa dos velhos problemas de gestão. Muitos médicos não estão sabendo como lidar com a situação porque foram abandonados.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Conclua, por favor, Deputado Márcio.

O SR. MÁRCIO GUALBERTO - Foram abandonados por esse Governo e estão pedindo à Alerj que possamos ajudar os heróis que estão nos hospitais, a sociedade que está enferma. Nós não podemos concordar com toda essa arbitrariedade contra o povo, contra os profissionais da saúde. Precisamos entrar em campo decididamente neste momento. O momento é agora, tenho falado isso a todo instante. São momentos difíceis. Caríssimos irmãos Deputados, momentos difíceis costumam separar os homens dos meninos. Estamos sendo provocados pelo povo...

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Conclua, por favor, Deputado Márcio.

O SR. MÁRCIO GUALBERTO - ...para que toda a arbitrariedade cometida pelo Governo do Estado tenha fim, toda.

Nosso papel neste momento é crucial, senhores. É um momento crucial da história e não podemos ser usados. Tenho certeza que não seremos usados porque nesta Casa Legislativa há homens e mulheres de honra, que buscam em tudo fazer a vontade do povo. Que Deus nos abençoe. Muito obrigado.

A SRA. ENFERMEIRA REJANE - Sr. Presidente, peço a palavra para discutir a matéria.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Para discutir, têm a palavra a Deputada Alana Passos e, em seguida, a Deputada Enfermeira Rejane.

A SRA. ALANA PASSOS (Para discutir a matéria) - Boa tarde, Sr. Presidente; boa tarde, nobres colegas.

Quero aqui fazer coro ao grito dos meus colegas Filipe Poubel e Márcio Gualberto. É inadmissível o que estamos vivendo hoje. Falar em 2018 que a política do nosso País mudou? Ela mudou, sim, sabem por quê? Porque a população acordou, descobriu que tem voz e pode reivindicar os seus direitos.

Esse Governador fanfarrão tenta todo o tempo nos intimidar. Ele não vê a gravidade das intimidações e ameaças que tenta fazer ao Presidente da República, ao juiz Bretas, aos parlamentares bolsos. Só que ele ainda não entendeu que não temos medo dele. Estamos aqui para cumprir o nosso papel de parlamentares e de fiscalizar todo o gasto do dinheiro público feito pelo Executivo. O que esse Governo tem feito é um assassinato com a população fluminense porque, mais do que o Covid, a corrupção também mata, e mata muito. É por isso que o povo que está aí fora está reivindicando os seus direitos.

Somos contrários, sim, ao lockdown. Sabem por quê? Pergunto aos nobres colegas, a todos aqueles que estão assistindo à nossa live, às nossas transmissões: quem já passou pela situação de ver seu filho chorando, pedindo o que comer, quando não há o que comer? Já passei por isso e sei o quanto é doloroso. Quando se decreta um lockdown, se coloca pessoas presas em suas casas, mas sem saber se vão ter alimentos, se vão ter comida para dar para os seus filhos. Uma mãe de verdade vai deixar o seu filho em casa, mas vai sair para trabalhar, para buscar alimento. Só que parece que isso está sendo ignorado por muitos. Estamos aqui mesmo que sendo minoria para gritar a favor daquele povo que está ali fora, daquele povo que está nos acompanhando pelas mídias.

Quero agradecer ao grupo Choque de Queimados, da minha cidade, porque está transmitindo em tempo real a minha cidade a todos aqueles que acompanham, sabe por quê? Porque a população acordou. É isso que vocês precisam entender. Não estamos sentados aqui na Alerj trabalhando para representar Governador nenhum. Estamos aqui para representar a população que está sofrendo, está morrendo por corrupção, porque, hoje, se temos uma estatística grande de pessoas falecidas, infelizmente. Você pode dizer que isso foi por irresponsabilidade, por compras feitas erradas com o dinheiro público. Isso está difícil de suportar.

Vou falar: eu, Alana, tenho vergonha de fazer parte de um Estado onde estamos trabalhando, fiscalizando e esse Governador quando se sente confrontado, fiscalizado, intimidado, vem querendo ameaçar, coagir. Só que conosco não tem essa. Comigo, Governador, não tem essa. O senhor pode vir quente que eu vou continuar fervendo. Sabe por quê? Porque eu estou aqui pelo povo. Foi ele que me tirou da minha farda, que usei anos na minha vida profissional, para não ser envergonhado. Sentei-me aqui para representar cada um dos meus eleitores.

Hoje, temos pessoas que me mandam mensagens que estão passando necessidade. Estão passando fome. A minha cidade não tem onde buscar recursos, porque se precisar de um atendimento não tem UTI suficiente. Não tem. Então, está superlotado? Lógico que vai estar pela irresponsabilidade de governantes. Agora, é inadmissível você ver uma população ali fora gritando, lutando, reivindicando, porque como falei estamos em guerra, mas uma guerra a favor da vida. Parece que esse jogo não está batendo, porque enquanto muitos querem viver, a sensação que tenho é que outros querem nos destruir, acabar com a nossa vida, porque quando se promete, sim, a entrada de um PL desse, um lockdown, respeito muito os autores, mas pensam naquelas famílias que não têm o que comer: crianças, pessoas que estão em lockdown em um cômodo cinco, seis, dez pessoas num mesmo quadrado. Isso é enlouquecedor. Temos pessoas que estão entrando em depressão; pessoas se suicidando. Não é possível que essas informações só tenham chegado até ao meu gabinete. É inadmissível isso.

Hoje, a minha caixa de e-mail está lotada. Poderia falar de um por um que me mandou mensagem dizendo "não" ao lockdown. Não é possível que a voz do povo, que é a voz de Deus não tenha sido atendida e compreendida. Não vale as nossas vontades, os nos-